

Novembro 1954

PASCAL E O PROBLEMA DA MORTE

De EVARISTO DE MORAES FILHO

Em nenhum pensador do Século XVII se sente o mesmo desespêro e a mesma inquietude de Pascal. Caracterizava-se aquela época pelo surgimento vitorioso das ciências naturais, baseadas nos métodos de pesquisa e análise, como resultado da descoberta da natureza que se vinha processando desde o Renascimento. Mas o empirismo renascentista, a volta para o concreto e o real só encontraram efetiva aplicação sistemática na ciência do Século XVII, com Kepler, Galileu e Newton. Estávamos em franco período do entusiasmo pelas leis naturais e pelo determinismo físico.

Por outro lado iam ardentes as polêmicas religiosas, suscitadas, sobretudo, pela Reforma recente. Dentro da própria Igreja Católica apareciam discussões e seitas diversionistas, chamadas de heréticas e inscritas, sob este título, no *index* do Vaticano. Lavrava a mais angustiante confusão no céu e na terra. A ciência entrava em conflito com a fé, perturbando a tranqüilidade dos espíritos mais agudos. Todos os sistemas daquele tempo — de Descartes, Malebranche, Spinoza, Leibniz — representam bem as tentativas de aproximação, de conciliação ou de fusão da verdade revelada com a verdade científica. Malebranche, pelo menos, não escondeu este seu propósito: de mostrar que a verdade revelada através do dogma católico era confirmada pelas novas pesquisas científicas, principalmente pelas conclusões da filosofia racionalista de Descartes.

Mas ninguém sentiu tanto este dualismo, em sua própria carne, em sua própria alma, em todos os instantes de sua vida, como Pascal. Cientista a princípio, pesquisador e realizador de experiências físicas, matemático, inteiramente voltado para um dos aspectos do seu século — e com que brilho! — viu-se, de repente, surpreendido pelos problemas da moral e da religião. Todos os seus estudos anteriores perderam significação para ele. De que lhe valeria toda a sua ciência, se ele era um ser humano, pobre e desamparado, que ia morrer? Era este — a morte — o problema central da existência, desaparecendo todo o resto como insignificante.

A temporalidade da vida humana, a sua rápida duração lhe davam a noção exata do significado do destino humano: "Quando considero a pequena duração da minha vida absorvida na eternidade precedente e seguinte, o pequeno espaço que ocupo, e que me vejo mesmo abismado na infinita imensidade dos espaços que ignoro, e que tu ignoras, eu me assusto e me espanto de me encontrar aqui e não ali, porque não há razão para que seja aqui e não ali, agora e não depois. Quem me colocou neste lugar?"

E sempre voltado para o infinito, em qualquer de suas manifestações, desde o mundo físico, matemático, até ao mundo do pensamento e da graça, perguntava Pascal: "Enfim, o que é o homem na natureza? Um nada em relação ao infinito, um todo em relação ao nada; um meio entre o nada e o todo. Infinitamente afastado de compreender os extremos, o fim das coisas e seu princípio são para ele invencivelmente ocultos em um segredo impenetrável; igualmente incapaz de ver o nada de onde saiu e o infinito onde se encontra mergulhado".

E, perdido nesta ignorância, aturdido pela incapacidade de compreender e assenhorear-se do seu destino, viajante de uma viagem que não pediu, abandonado em meio do caminho, só de uma coisa estava certo Pascal: de que a morte seria o fim de sua existência, a destruição da sua pessoa material, e confessava: "A morte é mais fácil de suportar quando não se pensa nela, do que o pensamento da morte, mesmo sem perigo".

E a sua condição é a mesma de todos os seres humanos, seus irmãos, dignos como ele de caridade e de perdão, mas mergulhados no mesmo mundo, confundidos na mesma pequenez, embarcados no mesmo destino: "Nada mais vejo do que infinidades por todo lado, que me limitam como um átomo e como uma semente que somente dura um instante que não volta. Tudo o que conheço

é a morte. Não sei viver, mas nada ignora. Voute como este instante, mesma que não poderei evitar. Como não sei de onde venho, também não sei para onde vou. Sei somente que, saindo deste mundo, eu caio para sempre ou no nada, ou nas mãos de um Deus irritado, sem saber em qual destas duas condições eu devo participar eternamente. Eis a minha situação, cheia de miséria, de fraqueza, de obscuridade".

Trezentos anos depois, que nada representam diante da eternidade, esse micrômetro que assina estas linhas se acha no mesmo estado de espírito que tu, prezado Pascal. Feliz das vezes que já encontram um travessero lá onde dá-tar o cabeça cheio de dúvidas, seja ele um materialismo radical ou uma fé definitiva, desde que ambos sejam sinceros, profundos e tranquilizadores. Mas o drama é sempre o mesmo: é preciso decidir. E tu decidiste pela segunda, embora a tua inquietude continuasse a mesma até o derradeiro momento, que, segundo testemunho de tua irmã, foi de paz e de tranqüilidade.